

## **Espaços/tempos cotidianos e representações de professores e alunos: o lugar como referência para o estudo da geografia**

Rafael Tiago dos Santos Silva. Aluno do Curso de Geografia. Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM), Uberaba/MG/Brasil.  
rafatiago@gmail.com

Tusnelda Cristina Macedo Nunes. Aluna do Curso de Geografia. Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM), Uberaba/MG/Brasil.  
tusneldamacedo@hotmail.com

Amanda Regina Gonçalves. Professora do Curso de Geografia. Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM), Uberaba/MG/Brasil.  
goncalves.amanda@gmail.com

Palavras-chave: educação, cotidiano, representações

Eixo temático: Enseñanza y Aprendizaje de la Geografía

### **Introdução**

Estudos recentes no campo da educação geográfica têm revelado a importância de se considerar os elementos sócio-espaciais cotidianos dos sujeitos do processo de ensino como referência para a prática de ensino/aprendizagem de geografia.

Assim, o foco do estudo em andamento, que apresentamos nesta comunicação, está em recuperar o fato de que estudar as singularidades de um lugar possibilita a compreensão crítica dos elementos políticos, econômicos, culturais e ambientais deste espaço e a criação de solidariedade e laços culturais e de identidade, bem como reconhecer a existência de uma cultura escolar, que demonstra que a escola deixa de ser somente o lugar da rotina e da inércia, mas um lugar de saberes específicos e circunstanciados.

Entendemos que o *lugar*, mais que um conceito, é considerado dentro da ciência geográfica uma categoria de análise sustentada por todo um campo de teorizações e investigações que a julgam imprescindível dentro um arcabouço teórico e metodológico para entendimento do espaço (SILVEIRA, 2003 *apud* GONÇALVES, 2007).

Uma discussão que frequentemente envolve o conceito de lugar refere-se à questão da escala. Quando se refere à noção escalar relacionada ao

cotidiano, Milton Santos (1999, p. 17) propõe que a idéia do “acontecer solidário” permitiria uma “análise dinâmica dos fatos sociogeográficos” e a reconstrução de um território a partir de mosaicos, havendo algo que levaria à realização concreta, à produção histórica e geográfica de eventos solidários: “é isso que dá o limite da área. Quer dizer, a idéia de escala ganharia em dinamismo a partir dessa noção de “acontecer solidário”.

Assim, este trabalho objetiva apresentar a importância de estudos sobre as memórias, as territorialidades e identidades que envolvem uma escola pública localizada no município de Uberaba/MG/Brasil e seu entorno espacial, de maneira que se produzam conhecimentos sobre a localidade a serem trabalhados junto aos seus alunos. Para isso, traremos representações de uma professora de geografia sobre estas questões e relatos de experiências de atividades realizadas com alunos e sobre sua atuação docente na escola.

### **Aspectos metodológicos da pesquisa no campo da geografia escolar**

A educação formal brasileira e o campo de conhecimento da Geografia Escolar são historicamente marcados por aspectos metodológicos apoiados em lógicas de compartimentalização, hierarquização e discriminação de conteúdos segundo critérios de restritos segmentos da sociedade, bem como subordinados a sistemas de avaliações exógenos à realidade escolar.

Desta forma, o estudo que estamos realizando parte de perspectivas teórico-metodológicas que privilegia as práticas concretas produzidas e compartilhadas nos espaços de trabalho cotidianos do professor. Entendemos que isso possa aproximar as pesquisas acadêmicas dos saberes e práticas de professores da rede pública de ensino, bem como pode valorizar o trabalho investigativo do professor da educação básica.

Entre as metodologias de pesquisa que acreditamos ser mais adequada a este caminho, identificamos a “investigação qualitativa em educação” como aquela que possibilita melhor compreensão da dinâmica das escolas, dos estrangulamentos e criações que se multiplicam em seu espaço. Tomamos a “entrevista”, as “anotações de campo” como instrumentos relevantes nesta pesquisa. Assim, entrevistamos uma professora da disciplina de Geografia de uma escola pública, e realizamos anotações de campo de práticas de ensino

acontecidas a partir de uma atividade de extensão universitária no interior da mesma escola realizado numa parceria entre os licenciandos e esta professora, com estudos da geografia local.

A entrevista com o professor é uma técnica de trabalho que “permite a captação imediata e corrente da informação desejada, praticamente com qualquer tipo de informante e sobre os mais variados tópicos” (LÜDKE e ANDRÉ, 1986, p. 34). A entrevista estruturada de forma relativamente aberta, centrada em tópicos determinados é uma forma eficiente de dados. Realizamos a entrevista a partir de gravação direta, uma vez que entendemos que isso deixa tanto “o entrevistador livre para prestar toda sua atenção ao entrevistado”, quanto “os sujeitos à vontade e falarem livremente sobre seus pontos de vista” (BODGAN e BIKLEN, 1994, p. 136).

Já nas anotações de campo com registros de atividades desenvolvidas junto aos alunos, mesclamos o sentido e o significado que os dados tinham para nós, expressando as necessidades explícitas e implícitas dos alunos que participaram das atividades (BODGAN e BIKLEN, 1994).

### **As particularidades de uma escola e as generalidades da escola pública brasileira**

A escola onde realizamos este estudo localiza-se na porção central do município de Uberaba (MG, Brasil) e oferece o Ensino Fundamental e Médio, atendendo atualmente 800 alunos, sendo que já chegou a freqüentar esta escola 1.200 alunos.

Assim como muitas instituições escolares, a escola em questão insere-se no quadro atual do ensino básico público brasileiro, no qual muitas escolas em âmbito nacional, localizadas nas porções centrais da cidade, têm sofrido impactos das mudanças sociais, culturais e econômicas do país. Por um lado, tem sido evidente a queda de natalidade no Brasil, além de uma evasão de moradores das áreas centrais dos municípios por motivos de ocupação da área por atividades comerciais e de serviços e pela especulação imobiliária que assola estas porções territoriais, bem como muitos dos alunos que moravam no entorno destas escolas, deixaram estas escolas em busca de suposta “melhor qualidade” de ensino, deslocando-se, por exemplo, para escolas privadas,

enquanto que as escolas públicas centrais passam a receber alunos dos mais diversos bairros do município, em geral aqueles mais com mais carências sócioeconômicas.

Em decorrência, observa-se certo desconhecimento de alunos da escola aos aspectos sócio-geográficos do bairro onde a escola se localiza, bem como elementos de identidade deles com a escola e seus sujeitos. Por isso nossos estudos e atividades de extensão visam contribuir com o desenvolvimento de uma perspectiva histórico-geográfica da escola e do bairro onde se localiza e a importância disto para a formação inicial e continuada de professores e alunos tanto da escola como da universidade.

### **Saberes e subjetividades do professor**

Tomamos como fonte de informações e experiências para que possamos compreender melhor o funcionamento da escola e as condições de existência das práticas de ensino de Geografia a professora que chamaremos de Aparecida (um pseudônimo para que sua identidade seja preservada).

Aparecida trabalha nesta escola há mais de 15 anos e geralmente trabalha com a carga horária completa, sendo que por muitos anos ela precisou trabalhar em duas ou três escolas, uma vez que o ingresso e escolha de aulas nas escolas são processos tensos, perpassados por questões políticas de múltiplas naturezas. Somente após muitos anos de trabalho na escola que a professora diz conseguir completar sua carga horária nesta escola, sem precisar trabalhar em outras escolas públicas e pôde ter maiores chances de escolha das séries que desejaria trabalhar, mas por longos anos a professora diz que trabalhou com as turmas e os horários que “sobravam” das escolhas de outros professores.

Atualmente, a professora trabalha 36 horas/aula, divididas nos três períodos do dia, e com doze turmas de alunos (desde o quinto ano do ensino fundamental ao terceiro ano do ensino médio). Além do trabalho nesta escola, a professora ministra 5 horas/aula em uma escola particular. Isto caracteriza a jornada tripla de trabalho a que muitos professores de escola pública no Brasil se submetem. Assim como muitos professores, Aparecida tem longa jornada de trabalho, restando-lhe pouco tempo a ser destinado à preparação e

organização de suas aulas e à sua formação continuada. A questão das condições de trabalho mantém-se no Brasil como um dos principais fatores que comprometem a qualidade da educação pública, além de demonstrar um não-reconhecimento do professor como pesquisador e produtor de conhecimento, sendo que, para isso, necessita de ampla dedicação aos estudos e às práticas como educador, envolvendo sua atuação em sala de aula, mas também nas tantas outras atividades escolares e em outros espaços de formação que lhe ofereçam as oportunidades de formação continuada.

### **Memórias e concepções da professora: o constituir-se professora**

Aparecida considerou ter muitas recordações de sua vida escolar. Lembra-se que teve muitas dificuldades em sua educação desde o primário até o magistério. Sua escolarização foi marcada por problemas de saúde. Contou que foi reprovada em duas séries por motivos de saúde, quando tinha 11 anos seus problemas de saúde de tétano a afastaram quatro meses da escola e depois, aos 15 anos, duas pneumonias também a deixaram impossibilitada de concluir o ano escolar.

Diz que estes problemas que levaram à sua reprovação, associado à concepção de sua mãe de apoiar as decisões da escola em reprová-la, marcaram muito sua vida escolar. Segundo Aparecida:

“isso me marcou muito, a reprovação. Até então eu não entendia o porquê (de ser reprovada). Na minha mente, (...) havia uma perseguição, se eu passei o porquê da reprovação? Depois é que a minha mãe foi explicar:

- Não, você perdeu o ano e, principalmente em matemática você não vai ter um acompanhamento na série seguinte, e assim eu mandei você repetir.

Minha mãe era dessa forma, sabe vai, não sabe continua”.

Estas experiências e formas de concebê-las em sua vida e na vida escolar podem justificar formas de relação da professora com seus alunos com dificuldades e suas concepções sobre a participação dos pais na vida escolar do filho e na escola.

“Os pais dos alunos bons é que costumam aparecer, aqueles que geralmente precisam estar na escola é uma dificuldade. Ele aparece mediante uma convocação e, às vezes, ainda demora. O pai quando está presente na escola o aluno pensa: “meu pai está preocupado comigo”, então ele tem um compromisso para com sua família. E a presença do pai

é fundamental também na escola. Se o pai é atuante, você vê que o comportamento do aluno muda. (...) Tem pais que já dizem: “chama o conselho tutelar pra ele, porque eu não tenho tempo”. Aí, quando está no final do ano, que o filho está pra ser reprovado, aí ele vem”.

Ela relata, neste trecho, sua concepção sobre o papel da família na formação do aluno, constatando que quanto mais atuantes são os pais dos alunos, melhor é o comportamento dentro de sala de aula, e que quando os pais frequentam as reuniões, os alunos tendem a reconhecer a preocupação dos pais, sendo assim, ele passa a ter maior compromisso com sua família e com a escola.

Durante seu período escolar, o país vivia sob o regime militar e, segundo Aparecida, houve práticas autoritárias que marcaram sua vida escolar e, posteriormente, sua atuação como docente. Conta que no “regime militar, você não tinha direito a nada, tanto é que entrava mudo e saia calada, às vezes dúvidas a gente tirava depois com o coleguinha ou com a minha mãe, (...) os professores militares que usavam a linha de ficar em pé para eles entrarem na sala de aula, e só podíamos sentar quando tínhamos autorização para sentar”.

No entanto, este período também foi marcado por uma “excelente professora de história” que trabalhava as disciplinas de história e geografia de uma “maneira bastante diferente da forma como estava acostumada a aprender”. Conta que predominava nos seus estudos um modelo no qual os bons alunos eram medidos por aquilo que eles memorizavam das aulas e livros, conta por exemplo, que ela teve que “decorar cento e cinquenta questões para cair quinze na prova, uma coisa totalmente decorada”. E foi com essa professora que somente por transmitir de maneira diferente o conhecimento, teve tanta influência em sua vida, que direcionou sua escolha para carreira profissional:

“em história ela levava a gente a viajar nos lugares e principalmente nas civilizações antigas quando ela trabalhava, eu ficava imaginando, ela dava aula e eu viajava, ela falava dos lugares eu ficava imaginando cada detalhe, o tipo de vegetação e ali eu defini: Vou fazer Geografia!”

Naquele momento, o curso de Estudos Sociais era uma opção na sua vida, então ela fez sua opção pelo curso de Geografia também por ter afinidade com a área do conhecimento na qual até hoje tenta se especializar cada vez mais com cursos de pós-graduação e extensão.

No curso do Magistério, segundo Aparecida, já no final da ditadura militar, os professores davam abertura e deixavam que os alunos produzissem conhecimento, que na sua concepção foi muito importante para seu crescimento como pessoa, para um amadurecimento pessoal onde ela foi capaz de compreender que quando terminou o curso, ela “tinha conteúdo, mas que a experiência mesmo só no dia-a-dia, trabalhando”.

Aparecida concluiu uma pós-graduação na área de Educação, mas pretendia realizar outras mais voltadas para a Geografia Física. Tentou ser aprovada em algumas instituições, realizou vários processos seletivos, e quando conseguiu ser aprovada, devido a dificuldades pessoais, teve que se dedicar à família, como uma fatalidade ocorrida: “meu pai faleceu, aí minha mãe ficou muito desorientada. E mais uma vez eu tive que parar”.

Cita momentos na sua prática em que os movimentos políticos dentro da escola interferiram nas suas escolhas profissionais, como no caso de eleições para diretoria. Conta que “por questões políticas da época, minha vaga estava destinada para alguém que havia apoiado a candidatura da direção na época”. Isto demonstra que, às vezes, deixamos de considerar que a atuação dos professores em séries, turmas, turnos é determinada por fatores externos aos desejos profissionais do professor, ficando o mesmo sem a possibilidade de realizar escolhas profissionais na escola.

Na entrevistada a professora demonstra que preparar suas aulas é algo constante em sua carreira, e que prepara atividades para as mais diversas turmas. Isto revela que muitas vezes encontramos discursos generalizantes sobre a atuação do professor como aquele que não se preocupa com a preparação de suas aulas, que atua inserida num automatismo de sua profissão. Aparecida demonstra que, mesmo com um excesso de carga horária de trabalho, ela se preocupa com a qualidade de suas aulas e, mais especificamente com o reconhecimento das características particulares de seus alunos, que lhe dá subsídios para planejar aulas não massificantes, mas diferenciadas para as turmas.

Um ponto que se mostrou ser problemático para Aparecida, quando indagada sobre a possibilidade de fazer alguma mudança na escola, ela logo respondeu:

“Se eu tivesse que mexer, eu mexeria no Currículo Básico Comum, que vem de Belo Horizonte pra ser aplicado nas escolas. (...) Eu faria outra análise, não da forma como eles colocam (...) falam que é pra cumprir, cumpra. Eles não conhecem a realidade da minha escola, então, tem coisa ali que a gente precisaria de certo tempo. Aí fala essa escola é flexível, mas ele quer que no final do ano aquilo seja cumprido”.

Quando questionada sobre o que representa o currículo numa escola, Aparecida demonstra muita proximidade com a prática, porém faz algumas ressalvas com relação à aplicação do conteúdo:

“É um currículo, para Geografia, que tem que ser cumprido. A inspetora vem na escola, abre seu diário, pra ver se o planejamento está batendo com o CBC. Esse ano, na disciplina de história, eles viram só Brasil, então eles não tem noção de mundo, por exemplo, a parte de Contemporânea e nem Moderna. Então eu tive que parar, ver a parte Contemporânea e Moderna, pra poder chegar, era parte da base. Então a gente faz primeiro uma sondagem no começo do ano, pra ver onde o aluno está no geral, porque aí a gente dá um acompanhamento a partir de onde a grande maioria está. Fica difícil para o aluno se ele elimina etapas. Por isso, a gente para e a gente segue, porque se não tiver um elo aí..., queimar etapas não vai funcionar.”

São representações que demonstram que a professora, ainda que reconheça o papel do currículo, desenvolveu como metodologia de ensino – entendida como mais adequada à aprendizagem de seus alunos – o levantamento dos conhecimentos prévios dos mesmos e somente a partir deste levantamento delimitar a seqüência e os conteúdos prioritários para determinadas turmas. Isto demonstra que, por mais que um currículo tente ser homogêneo para um estado ou nação, professores ainda utilizam de sua experiência docente e certa autonomia de sua profissão para decidir o planejamento de suas aulas.

Aparecida se mostra uma professora comprometida com a escola, com postura crítico-reflexiva diante de modelos de educação, procura estar sempre num movimento de formação continuada e, principalmente, demonstra ter desenvolvido certa identidade com a instituição escolar onde atua, sendo visível seu papel na construção de identidade escolar junto aos sujeitos de sua escola.

### **Relatos de experiências com o ensino da geografia local**



Através de uma atividade de extensão<sup>1</sup> que desenvolvemos junto a um grupo de alunos da escola, foram realizados estudos sobre o entorno da escola, com temas que ajudaram a estudar o bairro sob perspectivas sócio-geográficas.

Uma das primeiras atividades a ser desenvolvida, foi uma pesquisa sobre o papel da associação de bairro, bem como seu desenvolvimento, suas conquistas em melhorias para o bairro, além de sua atual situação.

A preparação para essa atividade consistiu em uma pesquisa bibliográfica sobre associações de bairros, realizada junto aos alunos envolvidos. Enfocamos a importância para um bairro de se ter uma associação, o seu papel perante as autoridades políticas, o quanto a união das pessoas pode aumentar com esta representação na sociedade (ZABOTTO e CASTRO OLIVEIRA, 2008).

Foram feitos debates entre as pessoas envolvidas no projeto sobre os aspectos sociais, políticos, de infra-estrutura, econômicos, históricos e geográficos do bairro. Em seguida, identificamos a necessidade de fazer um reconhecimento destes aspectos visíveis no bairro e de ouvir as pessoas envolvidas na direção da associação. Assim, tal debate foi acompanhado de um trabalho de campo para observação desses mesmos aspectos; de entrevista à ex-diretora da associação e de um estudo sobre o site da associação do bairro disponível na “web”.

Os alunos receberam orientação para elaboração do roteiro de entrevista, no qual chamamos a atenção para a recolha de informações como: Como são conseguidas as melhorias, como a associação reivindica das autoridades? Como é o principal contato entre a associação e moradores? Qual participação da associação no poder institucionalizado? Qual a abertura da prefeitura para participação dos presidentes de associação de bairro nas reuniões deliberativas? Como os moradores são convidados a participar da associação, de que forma os eventos são divulgados?

Após contato e acordo com a pessoa a ser entrevistada, realizamos o encontro e a entrevista aberta, centrada em tópicos, através da qual pudemos,

---

<sup>1</sup> Atividade desenvolvida com apoio da UFTM. Bolsista: Tusnelda Cristina Macedo Nunes. Edital 07/2010 - Programa Institucional de Bolsas de Extensão da UFTM.

por exemplo, obter informações, de como e quais fatores levaram a criação da associação; como se dá a participação dos moradores, tanto nas decisões de benfeitorias para o bairro quanto nas eleições para a diretoria da associação e como é a relação da associação com o poder público.

Observamos que os alunos permaneceram atentos e empenhados na atividade, já que no momento da entrevista improvisaram perguntas, com dúvidas que surgiram de acordo com as respostas da entrevistada e também pelo interesse que desenvolveram pelo assunto, uma vez que nos debates antes da entrevista, elas afirmaram não saber que a sociedade, se organizada, tem o poder de reivindicação e que algumas pessoas dedicam seu tempo a uma instituição que visa a melhoria do espaço comum.

### **Desvelando um patrimônio histórico-cultural no bairro junto aos alunos**

Outra atividade realizada com estes alunos tem origem em conversas informais com os professores da escola, que ressaltavam continuamente a existência de um casarão colonial, localizado no bairro e em situação de abandono. A partir disso, propusemos aos alunos buscarmos maiores informações sobre esta casa, entendendo que sua história e período de construção, poderia revelar aspectos históricos e geográficos importantes para o bairro e talvez a casa poderia até ser considerada patrimônio histórico-cultural.

Com essas informações e constantes manifestações de moradores do bairro e professores da escola quanto à indignação da atual situação desta casa, emergiu a idéia de se elaborar um abaixo-assinado que seria encaminhado à Prefeitura Municipal de Uberaba, em prol da preservação da casa, solicitando que ela seja transformada em patrimônio histórico.

A partir disso, passamos a discutir em algumas reuniões como uma construção pode se tornar um patrimônio de uma cidade, a importância de preservá-lo, para com isso conhecer a sua história, preservar a sua memória, questionando-se assim sobre as condições de existência da população na atualidade e ajudando a construir sua identidade cultural.

Ao longo das atividades realizadas, percebemos que o trabalho de campo foi um das atividades que mais despertou o interesse dos alunos,

inclusive não só neste dia, mas nas outras reuniões mesmo nas de discussão teóricas, houve maior interesse com relação ao trabalho em si, que pareceu ganhar uma dimensão mais concreta, portanto exigindo maior responsabilidade de todos os presentes, além de se tornar algo mais desafiador.

Entre as características geográficas e histórico-culturais que pudemos observar no trabalho de campo, bem como foram levantadas a partir de outras fontes, é importante salientar aqui que se trata de uma casa que apresenta característica do período colonial, representando a casa-grande de uma fazenda. Esta fazenda possuía extenso pomar de frutas e produzia doces, que eram vendidos em toda região e muitos lugares do Brasil. Eram em fazendas como essas, em que a maioria da produção era feita por escravos, que deram origem à tradição de minas como sendo a “terra do doce”, ou seja, um patrimônio que materializa no espaço as condições de trabalho, as formas brutais de exploração racial, e os investimentos em determinadas atividades produtivas de uma época que explicam as situações de abundância de um setor restrito da população e situações ainda precárias de certos grupos sociais, étnicos e raciais não só no bairro, mas no país.

Posteriormente, dedicamo-nos à elaboração do abaixo assinado. Assim, os alunos participaram da escrita, da escolha da imagem que iria compor o documento, da discussão de quantas assinaturas pretendíamos recolher e como dividiríamos a tarefa com as assinaturas.

Houve grande interação do grupo e interesse dos integrantes, os quais afirmaram não saber, até então, sobre a força de uma mobilização popular. Afirmaram também que antes deste estudo não sabiam da importância que tinham essas “casas antigas” e compreenderam também o porquê de estudar o passado para entender o presente e para tomarmos posicionamentos diante de várias questões sócio-espaciais.

### **Algumas considerações**

Esta comunicação buscou registrar aspectos de um estudo qualitativo em educação e de atividades de ensino da geografia local junto a alunos da educação básica de uma escola pública brasileira. Ressaltamos a importância de se considerar os elementos sócio-espaciais cotidianos dos sujeitos do

processo de ensino e suas representações como referência para a prática de ensino/aprendizagem de geografia.

Evidenciamos neste trabalho que características encontradas na escola em que atuamos, também revelam aspectos de uma reorganização política, econômica e cultural da sociedade brasileira e de muitas outras escolas públicas de localização central nos municípios do nosso país. Por outro lado, reconhecemos a existência de uma cultura escolar que é particular de cada escola e de seus sujeitos como históricos e produtores de conhecimento.

Trouxemos representações de uma professora de geografia sobre os sentidos da profissão e do papel do currículo e de suas experiências docente no ensino de geografia.

Relatamos também atividades desenvolvidas junto a um grupo de alunos da escola, nas quais foram realizados estudos sobre o entorno da escola, com temas que ajudaram a estudar o bairro sob perspectivas sócio-geográficas.

Entendemos que conhecer as particularidades da escola e sua cultura através de experiências docentes, como realizamos com a professora Aparecida, e da realização de atividades que envolvam alunos da escola nos ajuda a compreender as condições de existência da mesma e se questionar sobre os rumos que ela toma e nossos papéis neste movimento.

## **Referências**

BOGDAN, Robert C.; BIKLEN, Sari K.. **Investigação qualitativa em educação**: uma introdução à teoria e aos métodos. Porto: Porto Editora, 1994.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E. D. A. **Pesquisa em educação**: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.

GONÇALVES, Amanda R. Repensando o lugar na geografia: espaços-tempos cotidianos de conhecimentos e práticas sociais. **Geografia (Rio Claro)**, v.32, n.3, 2007. p. 521-537.

SANTOS, Milton. O território e o saber local: algumas categorias de análise.

**Cadernos IPPUR**. Rio de Janeiro, ano XIII, n. 2, 1999. p. 15-26.

ZABOTTO, Márcia C.; CASTRO OLIVEIRA, Bernadete. A construção da cidade de Rio Claro (SP) sob a ótica de autores cotidianos: análise das relações estabelecidas nos centros comunitários. GERARDI, Lucia H. de O; FERREIRA,

Enéas R. (org.) **Saberes e fazeres geográficos**. Rio Claro/SP: UNESP, AGETEO, 2008. p. 365 - 372.